

A SITUAÇÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR INFANTIL NOS GRUPOS POPULACIONAIS DAS PERIFERIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Ana Paula Torres Dias (IC) e Andréia De Conto Garbin (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

A presente pesquisa aborda a situação da insegurança alimentar na periferia da região metropolitana de São Paulo destacando como a vulnerabilidade social afeta a subjetividade das famílias. O conceito de insegurança alimentar refere-se a falta de acesso à alimentação adequada e a incerteza a respeito de sua disponibilidade. Em 2021, cerca de 2,3 bilhões de pessoas no mundo (29,3%) estavam em insegurança alimentar moderada ou grave, sendo 350 milhões a mais em relação ao início da pandemia de covid-19. Em vista disso, a pesquisa teve como objetivo reconhecer a experiência da insegurança alimentar e vulnerabilidades sociais das crianças residentes na periferia por meio de conversas com as mães ou responsáveis, em um estudo etnográfico realizado no bairro Jardim Trianon, em Taboão da Serra. As visitas ao campo incluíram observações e conversas com as participantes durante a distribuição de alimentos. Os resultados mostraram que a insegurança alimentar impacta profundamente as dinâmicas familiares. Relatos de mães destacaram a importância dos programas de assistência social, como o Bolsa Família, na mitigação da fome. A vergonha associada à fome emergiu como um tema recorrente, refletindo a humilhação e a perda de dignidade enfrentadas pelas famílias. Mesmo com avanços recentes na redução da insegurança alimentar severa no Brasil, a pesquisa destaca que muitas famílias ainda vivenciam diariamente a incerteza da fome, tornando o cenário cada vez mais alarmante.

Palavras-chave: Insegurança alimentar. Estudo etnográfico. São Paulo.

ABSTRACT

This research addresses the issue of food insecurity in the periphery of the São Paulo metropolitan area, emphasizing how social vulnerability affects the subjectivity of families. The concept of food insecurity refers to the lack of access to adequate food and the uncertainty surrounding its availability. In 2021, approximately 2.3 billion people worldwide (29.3%) experienced moderate or severe food insecurity, an increase of 350 million compared to the onset of the COVID-19 pandemic. In this context, the research aimed to understand the experiences of food insecurity and social vulnerabilities among children living in peripheral areas through conversations with mothers or guardians, in an ethnographic study conducted in the Jardim Trianon neighborhood of Taboão da Serra. Field visits included observations and discussions with participants during food distribution activities. The findings revealed that food insecurity profoundly impacts family dynamics. Mothers' accounts underscored the importance



of social assistance programs, such as Bolsa Família, in alleviating hunger. The shame associated with hunger emerged as a recurring theme, reflecting the humiliation and loss of dignity experienced by families. Despite recent progress in reducing severe food insecurity in Brazil, the research highlights that many families continue to face daily uncertainty regarding food availability, making the situation increasingly alarming.

Keywords: Food insecurity. Ethnographic study. São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa versa sobre a Insegurança Alimentar, compreendida a partir das condições econômicas e sociais que limitam o acesso à alimentação adequada, podendo resultar de muitos problemas complexos e enraizados na sociedade. Esse conceito abrange tanto a falta de acesso à alimentação adequada, quanto a incerteza a respeito de sua disponibilidade. Para algumas pessoas pode ser um problema temporário, mas para outras, pode ser um obstáculo cíclico de longa data agravado por muitos fatores sociais (Belik, 2003). Situações de insegurança alimentar podem ser detectadas por diferentes tipos de problemas tais como fome, obesidade, doenças associadas à má alimentação, consumo de alimentos de qualidade duvidosa ou prejudicial à saúde, entre outras (CONSEA, 2007).

1.1. Problema de Pesquisa

O estudo visou compreender como as crianças, mães ou responsáveis, residentes na periferia, lidam com a insegurança alimentar. Quais os impactos da experiência da incerteza alimentar na subjetividade.

1.2. Justificativa

No cenário global, o relatório sobre Alimentação e Agricultura, publicado pela Organização das Nações Unidas/ FAO (2022), revelou que cerca de 2,3 bilhões de pessoas no mundo (29,3%) estavam em insegurança alimentar moderada ou grave em 2021, sendo 350 milhões a mais em relação ao início da pandemia de Covid-19. Quase 924 milhões de pessoas (11,7% da população global) enfrentam insegurança alimentar em níveis graves, um aumento de 207 milhões em dois anos.

Nesse sentido, observa-se que com o início da pandemia do Covid-19, ocorreu um aumento expressivo nos níveis registrados de insegurança alimentar no Brasil. Antecedente à pandemia, a restrição ao direito básico já apresentava o sério declínio socioeconômico e as desigualdades profundas na sociedade brasileira. O VIGISAN Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, aponta a pobreza, baixa renda, desemprego, racismo sistêmico, discriminação, alto custo de vida como fatores que promovem essa situação social (Rede PENSSAN, 2021).

A nova edição da pesquisa desenvolvida pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar, Rede PENSSAN, mostrou que em 2022, o número de moradores em domicílios que encaravam a situação da fome ultrapassou o número de 19,1 milhões de pessoas para 33,1 milhões, tornando-se um total de 14 milhões de novos brasileiros/as em pouco mais de um ano em situação de fome. O Sudeste é a região mais

populosa do País e tem, em números absolutos, o maior contingente de pessoas que passam fome, 6,8 milhões somente em São Paulo. A situação das famílias que vivem em situação de insegurança alimentar atinge crianças abaixo dos 10 anos, faixa etária na qual requer uma certa atenção com a alimentação (REDE PENSSAN, 2022).

No Brasil, a notícia de que um menino de 11 anos ligou para a polícia pedindo comida, pois sua família não tinha o que comer, revela o drama vivido por mais de 33 milhões de pessoas que passam fome neste país (Observatório Terceiro Setor, 2022). Situação semelhante à desta família foi descrita por Carolina Maria de Jesus (2020), na obra Quarto de Despejo, publicada na década de 50, mulher negra, catadora de papéis, residia em uma favela na cidade de São Paulo, lutam cotidianamente para superar a fome e alimentar seus três filhos.

1.3. Objetivo

O cenário descrito motiva a presente pesquisa com objetivo compreender os impactos da experiência da insegurança alimentar e vulnerabilidades sociais das crianças residentes na periferia da região metropolitana da cidade de São Paulo. Compreender os impactos dessa experiência na subjetividade e identificar os recursos utilizados para lidar com a situação da insegurança alimentar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Mapa da Fome: aspectos históricos e dados

Inicialmente no Brasil, existem estudos não estruturados sobre as condições alimentares da população que datam do século XIX, conduzidos por indivíduos conhecidos como “demógrafos-sanitaristas”. Contudo, foi apenas a partir da década de 1930 que os inquéritos começaram a ser realizados (Melo; Costa-Souza; Dourado, 2022). Esse período coincidiu com a Ditadura Vargas (1937-1945), onde os instrumentos de política social de alimentação e nutrição foram instituídos, marcando a emergência da política nesse campo ao decorrer da transição dos Estados (Vasconcelos, 2005).

Já em 1948, com a promulgação da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, o direito humano à alimentação adequada, reflete o compromisso para a garantia de que todos tenham acesso às necessidades básicas, e serve como um ponto de encontro para os esforços globais para abordar a insegurança alimentar e a desnutrição (Campello; Bortoletto, 2022). Entre 1930 e 1963, período em que o país iniciava o seu processo de urbanização e industrialização, o perfil epidemiológico nutricional brasileiro caracterizava-se, sobretudo, pela elevada ocorrência das doenças nutricionais relacionadas à miséria, à pobreza e ao atraso econômico (Vasconcelos, 2005).

Mediante a Geografia da fome, obra escrita por Josué de Castro (1984), o Estado populista introduziu a segurança alimentar e nutricional como uma das principais temáticas de sua agenda, evidenciando a construção social da alimentação do trabalhador como um problema Estatal. Passado o período da Ditadura Militar (1964-1985), com o regresso à democracia, a emergência de uma atenção renovada às questões sociais, incluindo a fome, foi evidenciada com a Constituição de 1988, que reconheceu o direito à alimentação como direito fundamental de todo cidadão brasileiro (Campello; Bortoletto, 2022).

No cenário brasileiro, a trajetória das políticas de segurança alimentar teve seus altos e baixos. Em 2004, o CONSEA convocou a II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CNSAN), que denunciou a ausência de políticas abrangentes e coordenadas que pudessem enfrentar de maneira eficaz os desafios da segurança alimentar. O relatório da conferência indicou a situação alarmante em que 53 milhões de brasileiros estavam abaixo da linha da pobreza na época (Silva, 2023).

Já durante os dois governos de Dilma Rousseff (2011-2016), o CONSEA convocou duas conferências nacionais, seus relatórios contaram com o reconhecimento dos avanços obtidos no campo jurídico-político e no enfrentamento da insegurança alimentar e nutricional no país, que conseguiu, em 2014, sair pela primeira vez do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU) (Silva, 2023). Porém, a vitória na eleição de 2018 para a presidência da República do candidato Jair Messias Bolsonaro, resultou em retrocessos nas políticas de segurança alimentar. A exemplo disso, no primeiro dia de seu mandato, o ex-presidente, assinou a medida provisória que retirou a autonomia do CONSEA para convocar conferências nacionais focadas na segurança alimentar (Asbran, 2019), o desmantelando desses mecanismos de participação e controle social desorganizou, sobretudo, o progresso das políticas de combate à fome (Campello & Bortoletto, 2022).

Essas mudanças políticas tiveram impacto direto na situação das periferias e favelas de São Paulo, favorecendo o aumento da desigualdade e da insegurança alimentar. Isso é evidenciado pelo “Mapa da Desigualdade” elaborado pela Rede Nossa São Paulo (2022), na qual expôs que cerca de 9,4% da população da cidade de São Paulo vive em favelas, que se constitui, em sua maioria, de pessoas que não se encontram na seguridade de uma renda para garantir o que é básico.

No contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, ocorreu um maior agravamento da insegurança alimentar nesse local, afetando, principalmente, as crianças em situação de vulnerabilidade. O II VIGISAN, Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, revelou que grande parte das famílias que vivem em situação de insegurança alimentar nas comunidades, convivem com crianças abaixo dos 10

anos, faixa etária na qual requer uma certa atenção especial com a alimentação (Rede PENSSAN, 2022). De maneira semelhante, às estimativas da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura FAO (2022) destaca que, cerca de 45 milhões de crianças com menos de 5 anos sofriam de desnutrição aguda, a forma mais severa de desnutrição, aumentando o risco de morte das crianças em até 12 vezes. Além disso, 149 milhões de crianças com menos de 5 anos tiveram atraso no crescimento e desenvolvimento devido à falta crônica de nutrientes essenciais.

Em suma, a manutenção da insegurança alimentar infantil é induzida quando os recursos financeiros se caracterizam como limitados ou inexistentes, instalações sanitárias em situação precária em conjunto com o acesso de água potável, levando a problemas de saúde. Consequências como a desnutrição, prejuízos no desenvolvimento e fatores ambientais como a violência nas comunidades, exclusão social e oportunidades limitadas de educação, contribuem para a permanência desse cenário. Portanto, o conhecimento e informações sobre a insegurança alimentar, sua relação com a fome, desnutrição e o desenvolvimento infantil é um dos assuntos que visa a urgência na qual se encontra.

2.2. Fome e suas repercussões sob a perspectiva dimensão biopsicossocial

A fome, por outro lado, é inicialmente descrita como algo externo ao corpo físico. Em outras palavras, não é apenas uma sensação física, mas também uma experiência mais ampla que vai além das sensações corporais. Torna-se parte da experiência interna do indivíduo, como afirma Freitas (2003), “a fome se manifesta como uma ameaça pré-concebida, em que se remove do plano corporal para conectar-se a pré-compreensão, e faz o sujeito significar sua fome silenciando-a, e criando signos” (p. 252), considerada uma fuga, a vergonha de sentir fome. Semelhantemente, Minayo (1987) considera a fome como um “câncer social que corrói a humanidade, está plantada em todas as regiões do mundo onde existem as maiores discrepâncias nas distribuições das riquezas” (p.16).

É importante ressaltar que a insegurança alimentar carrega uma série de fatores que influenciam na questão da saúde mental. Nesse sentido, as experiências vivenciadas ainda na infância tendem a deixar sua marca ao longo de seu crescimento até a vida adulta, podendo ocasionar problemas psicológicos. Portanto, “restringir o conceito de pobreza unicamente à carência alimentar seria grave equívoco, pois subestimar outras variáveis, como convivência familiar, acolhimento social harmônico e sentimento de pertença, equivaleria a reduzir a pessoa à condição de animal não humano”, alertam Rosaneli et. al. (2015, p. 91).

“O sofrimento e as incapacidades geradas pela fome crônica tornam a vida um martírio, condições que afrontam os princípios mais elementares da dignidade humana” (Rosaneli et.

al., 2015, p. 93). A implicação desses fatores evidencia a demanda psicológica na asseguaração dos direitos básicos, diante da aparente invisibilidade do cenário na sociedade. As autoras afirmam que “a pobreza deve ser entendida como condição de privação muito mais ampla, que incide sobre a existência humana e a dignidade pessoal” (Rosaneli et. al., 2015, p. 91). A “dor de fome” torna-se incompreensível aos que por ela não passam, sendo constatada, mas não sentida.

Assim também, Gonçalves Filho (2010) já dizia que “há preconceito envolvido no fenômeno da humilhação” (p. 18). Segundo suas ideias, “para os pobres, a humilhação ou é uma realidade em ato, ou é frequentemente sentida como uma realidade iminente, sempre a espreitar-lhes, onde quer que estejam, com quem quer que estejam” (Gonçalves Filho, 1998, p.44). O ato de ser excluído da sociedade acaba sendo ainda mais desafiador para a pessoa humilhada confrontar e abordar os seus sentimentos. O sofrimento intenso de uma criança pode resultar na combinação de experiências traumáticas internalizadas e da falta de recursos ou apoio para lidar com esses traumas. Em síntese, a insegurança alimentar reflete a humilhação social, a vergonha, melancolia e a estigmatização devido à falta de acesso a uma alimentação adequada, conforme se verifica nas palavras do autor:

Mas há o caso em que a melancolia se impõe e a vergonha se torna crônica, humilhação social. É quando aquelas condições são persistentes, compartilhadas por muitos, e dão sinais de que são condições políticas, ou seja: não apenas males que duram muito e são divididos numa comunidade de destino, mas duram muito e são coletivos porque se ligaram ao interesse e desejo de gente e grupos soberbos para quem eu e meu grupo parecemos contar como inferiores, quando famintos mas também quando saciados (Gonçalves Filho, 2010, p. 18).

Relacionado, o sofrimento ético-político constitui uma categoria de análise da dialética inclusão/exclusão social. Em suma, é “a vivência particular das questões sociais dominantes em cada época histórica... Sofrimento que surge da situação de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (Sawaia, 1999, p. 99). À vista disso, ao enfrentar a realidade da Insegurança Alimentar, o indivíduo pode vivenciar esse sofrimento ético-político ao ser tratado como inferior devido à falta ou incerteza em relação ao alimento. Isso pode ser interpretado como uma decorrência direta da estrutura social e política atualmente em vigor.

Em síntese, o sofrimento ético-político se refere a diversas formas de dor, que abrange o corpo e a alma, causando danos à vida de diversas maneiras e, qualificando-se pela forma como sou tratada e trato o outro em sua intersubjetividade, face à face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social

de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (Sawaia, 1995). De acordo com essas reflexões, conhecer o sofrimento ético político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social e, portanto, para Sawaia (1999) entender a exclusão e a inclusão como ambas as faces modernas de velhos, e dramáticos problemas – a desigualdade social, a injustiça e a exploração.

3. METODOLOGIA

Após realizada uma revisão da literatura para selecionar a metodologia que melhor atendesse aos objetivos do projeto, optou-se pela etnografia como método de pesquisa. Conforme destacado por Sato e Souza (2001), o método etnográfico se destaca como uma abordagem para a pesquisa social, em que visa compreender os processos e interações sociais, bem como as práticas e representações que permeiam uma determinada comunidade. Esta escolha metodológica permite acesso à complexidade e singularidade das atividades diárias das pessoas. Contudo, esse método demanda um alto nível de envolvimento e dedicação por parte do pesquisador, como observado pelas autoras. Além disso, é imperativo destacar que, no campo, o pesquisador renuncia a qualquer vestígio de autoridade, sendo seu reconhecimento construído na relação estabelecida com os membros da comunidade (Andrada, 2009).

Para esta pesquisa, optou-se por acompanhar semanalmente, durante um mês, a distribuição de kits de alimentos no município de Taboão da Serra¹, região metropolitana da São Paulo, no bairro do Jardim Trianon². A escolha do local atendeu aos critérios de localização na periferia, histórico de entrega de alimentos e fácil acesso. As visitas se deram em uma rua de frente para o importante córrego, Pirajussara. O Jardim Trianon possui uma história marcada por seu povoamento e contexto socioeconômico baixo. Abriga uma comunidade diversificada, incluindo moradores de diferentes origens, e que vieram de outros locais em busca de melhores condições de vida.

As visitas ocorreram em 4 dias, todas às sextas-feiras, no mês de março de 2024, entre meio-dia e uma hora da tarde, quando começava o movimento na rua para a formação da fila de entrega dos kits de alimentos. Na maioria das visitas, o sol atordoante era

¹ Taboão da Serra localizado na Zona Sudoeste da Região Metropolitana de São Paulo. População: 272.130 (2017); Taxa de Mortalidade Infantil (Por mil nascidos vivos): 11,89 (2016). Disponível em: <https://prefeitura.ts.sp.gov.br/nossa-cidade/>. Acesso em 21 jul. 2024.

² Prefeitura de Taboão da Serra, Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia. Taboão da serra. Núcleos de povoamento. Disponível em: http://www.taboaohistoriaememoria.com.br/maissearch.php?art_id=158 Acesso em: 13 de ago. 2024.

predominante, enquanto outros dias eram a chuva, impedindo que a fila de espera se formasse. Foram realizadas observações das pessoas presentes em uma fila de entregas de alimentos, registradas no diário de campo e conversas com os participantes voluntários, conforme orientou Magnani (1997), em seu texto sobre “O (velho e bom) caderno de campo”, expande a reflexão do caderno de campo como um instrumento vital para o pesquisador e sua pesquisa, em evidência no campo da pesquisa etnográfica. Não foi empregado um questionário pré-estabelecido, mas elaborado um roteiro para abordagem das pessoas em uma perspectiva exploratória. O contato com os participantes foi direcionado a indivíduos maiores de idade que estivessem presentes durante a distribuição dos kits, não sendo estabelecido um número mínimo de participantes.

Não foi determinada a duração média para cada conversa, uma vez que o objetivo principal era promover diálogos genuínos, buscando equilibrar a obtenção de informações substanciais com a consideração pelo tempo dos participantes. Para os participantes, esclareceu-se o direito a deixar a conversa a qualquer momento, além da disponibilidade do pesquisador responsável pela pesquisa. Foi explicitado para os envolvidos que todas as informações produzidas durante o estudo seriam restritas somente aos pesquisadores diretamente envolvidos no projeto, armazenadas em um local seguro, e que nenhuma informação pessoal seria compartilhada com indivíduos não autorizados, assegurando a privacidade e segurança dos participantes. Além disso, a participação neste estudo não resultaria em benefícios diretos para os envolvidos, sendo uma contribuição valiosa para a pesquisa na área de insegurança alimentar e vulnerabilidades sociais.

Os primeiros contatos foram realizados após um período de observação do ambiente. A partir disso, foi estabelecido que as primeiras interações ocorreriam por meio de questionamentos feitos às pessoas presentes na fila, sobre o funcionamento das entregas dos alimentos e sua logística. Esse método foi o mais bem aceito, evitando desconforto nos participantes diante da chegada de uma pessoa desconhecida. Foram realizadas tentativas de contato com os organizadores, visando tirar dúvidas a respeito do funcionamento das entregas. No entanto, devido a problemas de agenda e disponibilidade, o contato não foi estabelecido. A experiência desse campo de pesquisa e as informações obtidas por meio das conversas com as participantes são descritas a seguir. Foram utilizados nomes fictícios nos relatos.

Conectando-se a essa perspectiva, a professora Sylvia Leser de Mello destaca que, para ela, a vivência da pessoa no campo é mais rica que somente as palavras da ciência, visto que a escuta é um processo de dedicação. Nessa mesma linha de pensamento, a autora afirma que o método etnográfico exige um giro de corpo e de alma na direção do outro,

reconhecendo os imperativos da diferença e da distância, portanto, portanto se expondo inteiramente a ter com ele uma experiência largamente significativa.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. A chegada na Rua Mallet, no Jardim Trianon

Minhas visitas ao local de entrega dos kits de alimentos ocorreram próximo a uma escola estadual, em uma rua de frente a um córrego, a poucos metros de uma comunidade. Em frente a um caminhão com baú pequeno, as portas dianteiras abertas, o sol quente e nenhuma sombra, assim a fila começava a se formar por volta de uma hora da tarde, dando voltas, contando, em minha perspectiva, com mais ou menos 100 pessoas na espera.

Tentar descrever com minhas próprias palavras o campo, o ambiente e as pessoas, não chega à clareza de vivenciar esse momento, como descrito por Andrada (2013), os registros representam retratos textuais. Em um primeiro momento, me senti deslocada em um ambiente que contava com uma rotina estranha ao que estava acostumada e, em minha desorientação frente ao primeiro contato, pude apenas observar por um período.

Observei uma rotina entre as pessoas enquanto aguardavam a entrega dos alimentos em uma fila de distribuição. Os indivíduos presentes engajaram-se em interações variadas, alguns conversavam de maneira articulada enquanto outros permaneciam incontentes em seus lugares. Em sua formação gradual, a fila revelava uma predominância de mulheres de todas as idades, em sua maioria presentes com crianças de colo e em idade escolar, até mesmo vestidas de seus uniformes. Inquietas, as crianças contrastavam com a imperturbabilidade que as mulheres aparentavam, focadas no objetivo do presente momento, conseguir a comida que seria fundamental para a alimentação de suas famílias.

Quando prontos para a entrega, os agentes da prefeitura, responsáveis pela distribuição, abriam as portas dianteiras do caminhão, e dentro, estavam os pacotes organizados de alimentos. Normalmente, não havia um padrão fixo; às vezes eram alimentos como arroz, feijão e leite em pó, outras vezes, frutas, verduras e legumes. Sempre disponibilizaram mais de um pacote por pessoa, especialmente quando havia poucas pessoas na fila, garantindo que nada sobrasse dentro do caminhão.

Mesmo quando não havia mais pessoas na fila e sobravam alimentos, os responsáveis pela distribuição deixavam alguns pacotes nas casas da rua. Em dias de garoa, uma casa na rua abria a porta da garagem para que as entregas pudessem ocorrer e para que as pessoas pudessem esperar em um lugar coberto.

No início, optei por me aproximar tirando dúvidas, e as pessoas foram muito solícitas, considerando a pressa do momento. Principalmente os mais velhos conversavam sobre assuntos diversos. Esse foi um ponto de dificuldade, pois não queria divagar tanto, mas sim chegar ao cerne do meu objetivo ali. Com o tempo, percebi que esse pensamento era incorreto. À medida que as visitas ocorriam, notei que, para chegar a algo, precisava deixar que falassem e ouvi-los atentamente.

Durante as conversas, observei reações diversas. Alguns achavam estranho eu estar ali sem pegar nenhum alimento para mim. Outros ficaram satisfeitos em falar um pouco sobre suas vidas. Para que tudo isso acontecesse, bastava que eu permanecesse atenta às suas falas, demonstrando interesse em suas narrativas.

Essa dinâmica evidencia a complexidade das relações existentes entre o pesquisador e o “pesquisado” e de todo o processo dinâmico da pesquisa etnográfica. Em vista disso, Sato e Souza (2001) sustentam a ideia de que com a abordagem etnográfica, prioriza-se “nos inserir num local com pretensões de pesquisa, onde somos os pesquisadores e as pessoas do local o “objeto a ser pesquisado” (p. 35), devendo considerar o ponto de vista das pessoas do local, para os quais também nos tornamos o foco de investigação.

4.2. Dinâmicas familiares e relatos de mães

A composição demográfica reflete as dinâmicas familiares predominantes nas comunidades, na qual as mulheres assumem frequentemente o papel de cuidadoras primárias. Nesse contexto, a fila de distribuição de alimentos representa mais do que um conjunto de pessoas esperando por assistência alimentar. É onde as relações sociais, estratégias adaptativas e interações familiares que ilustram as complexidades das experiências vivenciadas. Brito e Costa (2015) sustentam que a chefia familiar feminina se localiza com maior intensidade entre os grupos sociais mais pobres, frequentemente formados por famílias monoparentais.

Os relatos dessas mulheres refletem as complexidades enfrentadas por indivíduos em situações de vulnerabilidade socioeconômica. Uma mãe, chamada Carmen, ao expressar sua gratidão pela ajuda recebida das distribuições de alimentos, revela também que apesar disso, muitas vezes precisa fazer escolhas difíceis entre comprar alimentos ou pagar contas básicas, como aluguel e água. Afirmo possuir preocupações com o futuro e incertezas sobre como sustentar seu único filho de 11 anos que possui TEA (Transtorno do Espectro Autista). Relata que ajuda muito mandar seu filho para a casa de sua irmã quando a situação fica difícil, e que “engole o orgulho” para pedir ajuda. A mãe também aborda as dificuldades enfrentadas pelo

filho durante essas visitas, destaca a falta de compreensão por parte dos primos mais novos em relação ao transtorno, ocasionando desconforto em seu filho, além do fato de não compreender bem o porquê tem que fazer as visitas.

Seu depoimento corrobora com a afirmação de Josué de Castro (1984), ao afirmar que a fome é um assunto “delicado e perigoso”, “um tema proibido ou, pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente” (p. 30), impondo desafios metodológicos, sobre como perguntar sobre a fome sem causar desconfortos ao outro, e na percepção analítica, pois muitas vezes a fome é abordada não somente utilizando esse termo (Schall et al., 2022).

Esses relatos encontram paralelos em outras experiências, como disse outra mãe, Fabiana: *“tiro um pouco aqui e ali para dar comida pra eles”*. Relata que busca regularmente kits alimentares não apenas para si, mas também para sua filha desempregada e seus netos, de 2 e 7 anos. Ela expressa sua frustração ao afirmar que os recursos obtidos não são suficientes para sua família, e que precisa fazer serviços de limpeza para um Centro Pastoral em troca de cestas básicas de alimento, que o padre responsável fornece.

O relato de Carmen sobre o filho com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) acrescenta sua vivência relacionada aos cuidados, à saúde do filho, portanto uma insegurança quanto às políticas de saúde e educação (inclusão). Neste sentido, verifica-se que as inseguranças vivenciadas são muitas, de diferentes aspectos, que exprimem a dimensão do sofrimento ético político, referido por Sawaia (1999), que reflete a dor mediada pelas injustiças sociais, sentimentos de desvalor, subalternidade e de humilhação.

4.3. Importância dos Programas de Assistência Social

Outro assunto abordado nas conversas foi referente ao auxílio do Programa Bolsa Família³, do Governo Federal. Em meio ao desemprego e, conseqüentemente, suas preocupações, o auxílio foi citado como imprescindível para as necessidades das mulheres-mães e seus dependentes. O programa Bolsa Família fornece apoio até a inclusão no mercado de trabalho, em contrapartida, ainda é muito baixo o investimento em políticas complementares com capacidade de garantir melhores condições para a inserção das mulheres no mercado de trabalho (Brito; Costa, 2015).

³ O Programa Bolsa Família (PBF), trata-se de um programa de transferência direta e condicionada de renda. Medida Provisória nº 1.164, de 2 de março de 2023, institui o Programa Bolsa Família e altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-1.164-de-2-de-marco-de-2023-467449434>. Acesso em: 02 de jun. 2024.

Estudos realizados sobre o Programa Bolsa Família apresentaram seus efeitos positivos referente à redução da pobreza, aumento da frequência escolar e diminuição da desigualdade (Correa Junior; Trevisan; Mello, 2019). No entanto, ainda há lacunas em políticas que possam ajudar a inserção de mulheres no mercado de trabalho, e diante de sua importância para a sobrevivência das famílias, o programa ainda precisa promover a capacitação e empregabilidade dessas mulheres. Além disso, devido à vulnerabilidade enfrentada por essas pessoas, elas frequentemente se veem privadas dos meios necessários para superar sua situação. Isso pode ser associado à precariedade no acesso à garantia de direitos, agravada pela presença de inseguranças relacionadas à proteção social e pela ausência de políticas públicas viáveis para a manutenção de uma vida com qualidade (Carmo; Guizardi, 2018).

Já a alimentação escolar se mostrou um importante aliado para garantir a segurança alimentar das crianças. Como afirmam Silva, Amparo-Santos e Soares (2018), as práticas alimentares no contexto escolar “participam dos processos identitários, pois a alimentação assume uma posição central no aprendizado e na formação social por sua natureza vital, rotineira, geradora de sociabilidades e possibilidades de escolhas” (p. 03). Com o desemprego e as dificuldades financeiras enfrentadas pela família, as entregas dos alimentos e a merenda escolar desempenham um papel crucial em assegurar que os filhos não passem fome. Para Rosana (mãe), é essencial reforçar aos seus filhos que devem aproveitar a comida oferecida na escola, pois, como ela menciona: *“a comida é direito deles, então é pra encher a barriga mesmo”*.

4.4. Desafios na distribuição de alimentos

Como afirmam Vasconcellos e Moura (2018), “a segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito ao acesso a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer outras necessidades essenciais” (p. 02). No entanto, na conversa com Lídia, sobre o kit de alimentos, a infrequência, qualidade e a variedade dos itens distribuídos são descritas como instáveis. Não há um padrão definido para os alimentos distribuídos. Alguns kits contêm arroz, frutas e legumes, enquanto outros têm apenas uma dessas opções e, à primeira vista, nota-se que os alimentos parecem estar em boas condições. Ao explorar mais profundamente essa questão durante minhas interações, pude constatar a preocupação expressa por Lídia, que reside nas proximidades. Ela compartilhou que as entregas de alimentos ocorrem de maneira irregular, com horários, datas e locais variados. Além disso, afirma ser necessária uma distribuição mais regular e previsível, pois às vezes enfrenta dificuldades para alimentar seus filhos durante a semana. Ademais,

sobressai em seu depoimento seu desejo por uma maior variedade nos alimentos distribuídos. Menciona que gostaria de ver mais opções de proteínas, como carne ou ovos, pois isso ajudaria a complementar sua dieta de forma mais equilibrada, embora reconheça as dificuldades logísticas associadas à distribuição de alimentos perecíveis.

A Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) aborda a necessidade de métodos para garantir a eficiência e a execução de políticas alimentares, e sua implementação bem-sucedida auxiliaria pessoas como Lídia, que dependem desses programas (CONSEA, 2007).

4.5. O assédio moral, o desemprego de Sandra e a fome da família

Notadamente, não pude deixar de me sensibilizar com o depoimento de uma mulher chamada Sandra, de 60 anos, moradora da comunidade de Parque Pinheiros, bairro periférico próximo ao Jardim Trianon, em Taboão da Serra, há 38 anos. Seu relato revela a fome como um processo contínuo e desgastante, uma luta diária pela sobrevivência. Trabalhou como faxineira e artesã de forma informal por três décadas, sem carteira assinada. Apesar de ter conseguido um emprego formal há dois anos, acabou se demitindo devido ao assédio moral praticado pelo patrão, o mesmo para quem trabalhou de forma não registrada por tantos anos. Conforme descrito por Heloani (2005), o assédio moral no ambiente de trabalho irá consistir em uma constante e deliberada desqualificação da vítima, levando a sua fragilização. Esse enfraquecimento psicológico pode levar o indivíduo a uma gradual despersonalização, “trata-se de um processo disciplinador em que se procura anular a vontade daquele que, para o agressor, se apresenta como ameaça” (p.104). No caso de Sandra, o assédio moral, além de prejudicar sua saúde mental, a fez também abandonar sua única fonte de renda, contribuindo para sua vulnerabilidade socioeconômica.

Durante anos, enfrentou a escassez alimentar, recorrendo a *ticket* leite, cestas básicas da prefeitura e pedindo dinheiro a parentes distantes para sobreviver com seus 6 filhos. Descreve a condição precária dos alimentos fornecidos na época, tendo que remover bichos da comida para poder consumir, como relata: *“Eu ia na prefeitura a pé, eles davam feijão, arroz. Eu fervia o feijão e subia os bichos, eu pescava por cima e depois misturava o feijão com arroz”*.

Segundo ela, com muita dificuldade, conseguia alimentar os filhos, renunciando a sua própria alimentação, mas sempre com a preocupação em mente de como seria o dia seguinte. Recorreu diversas vezes a alimentos super processados para alimentá-los como, enlatados,

macarrão instantâneo, comidas de baixo custo que pudessem proporcionar uma maior saciedade.

Os sistemas alimentares, baseados nos alimentos super processados estão, como afirma Nilson (2022), associados ao aumento da insegurança alimentar e nutricional global, por estarem cada vez mais barato e acessível, em comparação a alimentos frescos e não processados, traz efeitos negativos no modo como afeta desigualmente populações conforme sua condição socioeconômica. O maior objetivo dos alimentos ultraprocessados é de terem uma longa duração e serem consumidos em grande quantidade, em sua formulação, ingredientes de baixo custo, tais como amidos, gorduras e concentrados de proteínas, além de aditivos alimentares. Por esta razão, possuem composição nutricionalmente desbalanceada.

Sandra refere que, a situação começou a melhorar quando os filhos mais velhos conseguiram seus primeiros empregos e conseqüentemente saíram de casa, aliviando a pressão financeira sobre ela. Atualmente desempregada, depende do auxílio do Bolsa Família para sobreviver, o que, em suas palavras, não se configura o suficiente. Tentou se aposentar, porém, não conseguiu comprovar seus anos de trabalho informal para seu ex-patrão, que se recusou a colaborar nesse processo. Seus filhos, já adultos, ajudam como podem a mãe, mas também possuem suas próprias famílias para sustentar.

Sandra, expõe suas experiências e uma sequência de violação de direitos. Seus direitos ao trabalho, à alimentação, à previdência social foram usurpados. Descreve a fome da mãe e dos filhos, como Carolina de Jesus (2020). Sua história traduz a experiência de milhares de mulheres que assumem o papel de cuidadoras primárias e enfrentam dilemas entre pagar contas básicas e alimentar seus filhos.

4.6. A vergonha e o estigma da fome

Durante a pesquisa etnográfica, a vergonha se manteve recorrente nos diálogos. Abordada de forma delicada, a vergonha associada à fome surgia a cada conversa, muitas vezes de forma encoberta, na tentativa de preservar a autoestima e a dignidade mediante a situação de vulnerabilidade enfrentada. Carmen, ao apontar que “engole o orgulho” para pedir ajuda, exemplifica como a necessidade de recorrer à rede de apoio ou instituições para obter alimentos pode ser um processo emocionalmente doloroso e cansativo.

É necessário salientar que a vergonha vai além do ato de pedir ajuda, mas também se estende ao sentimento de fracasso e perda, pela incapacidade de prover para a própria família. Com base em seu relato, Sandra ilustra a profundidade desse sentimento, onde sua

única opção viável era remover bichos da comida fornecida pela prefeitura para poder alimentar seus filhos, destacando não só a precariedade da situação em que se encontrava, mas também a humilhação de se sujeitar a tais condições.

Essas exposições refletem nas palavras de Carolina Maria de Jesus, em seu livro "Quarto de Despejo", ela já descrevia há muito tempo as dificuldades que enfrentava em alimentar seus filhos: E essa vergonha da fome não tem como alvo somente os adultos, mas também as crianças, que, por serem muito jovens, internalizam esse sentimento de maneira profunda. Durante as conversas, um relato de uma mãe exemplifica como essa vergonha se manifesta em momentos e lugares que deveriam ser confortáveis e seguros, transformando-se em uma grande fonte de desprazer para a criança. Ocorre o fenômeno da transmissão geracional da pobreza, da fome e das vulnerabilidades. De acordo com Ferreira et al. (2023), nesse contexto, a sociedade brasileira passa a encarar a presença da fome como algo "natural" entre nós, contribuindo para a manutenção dessa condição ao longo das gerações.

Bárbara descobriu que uma vez seu filho não foi à escola porque ocorreria uma festa de final de ano, elaborada por seus colegas de sala, onde cada um ficaria incumbido de trazer pelo menos um prato de doces ou salgados. A criança optou por não contar à mãe e não ir à festa por não ter o que levar no momento, disse que os colegas deixaram claro que quem fosse comer, teria que trazer algo também. Ele também optou por não contar sua situação a nenhum professor, colega ou até mesmo sua mãe, guardando consigo mesmo seus anseios. Esse relato se encontra com a exposição de Sawaia (1999), onde o sofrimento acaba sendo a dor mediada pelas injustiças sociais, expondo como a falta de recursos pode gerar vergonha e sentimento de exclusão.

Como pontuado por Freitas (2003), a fome é silenciada, como o filho de Bárbara agiu. Esse relato responde diretamente aos objetivos desta pesquisa, pois revela como a criança experimentou e lidou com a privação. Por um lado, o silenciamento, vivenciado solitariamente, "não contou para ninguém", e, por outro, a expropriação do direito de ir à escola, fazer parte, pertencer. A vergonha de sentir fome. Afirmaram Rosaneli et. Al. (2015), estende-se pela existência humana e atinge a dignidade pessoal.

Por outro lado, divulgado recentemente, o Relatório das Nações Unidas sobre o Estado da Insegurança Alimentar Mundial (SOFI 2024), mostra que a insegurança alimentar severa caiu 85% no Brasil em 2023. A insegurança alimentar severa, que atingia 17,2 milhões de brasileiros em 2022, caiu para 2,5 milhões. Percentualmente, a queda foi de 8% para 1,2% da população (BRASIL, 2024).

De grande importância, esses avanços alimentam esperanças de um futuro sem a incerteza da fome, mas não eliminam as experiências diárias de vulnerabilidade enfrentadas

por muitas famílias, especialmente os que mais sofrem com a insegurança alimentar, as crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou compreender os impactos que a insegurança alimentar tem na subjetividade das crianças e mães em situações cotidianas de vergonha e humilhação que poderão incidir na baixa autoestima, insegurança, dor e silenciamento. Os achados da pesquisa revelam que as mulheres são responsáveis por suprir as necessidades de alimentação da família, em geral, monoparentais. As crianças vivenciam a insegurança alimentar, conforme relato das mães que buscam enfrentar cotidianamente os desafios para garantir os alimentos e o cuidado. Os efeitos desse processo são cotidianos, podendo ter consequências a longo prazo.

Constatou-se que as políticas públicas existentes, como o Bolsa Família e a merenda escolar, são fundamentais para enfrentar o problema da fome, mas ainda há lacunas significativas na cobertura desses programas. Nesta pesquisa, evidenciou-se o desafio de superar o caráter assistencialista, a entrega dos *kits* pontual, por intervenções que promovam a transformação social e a garantia de bem-estar para todos.

A complexidade da situação, requer novos estudos. Essa pesquisa enfrentou limitações em virtude do tempo, influenciando a amplitude e alcance dos dados coletados que poderão ser superados em futuros estudos. Com base na observação dos aspectos estudados, ficou evidente que a situação da insegurança alimentar é um problema atual é de extrema importância para a sociedade. Os relatos coletados deixam em evidência a relação entre a insegurança alimentar e as condições socioeconômicas diversas, comprometem o acesso à alimentação adequada. Espera-se que essa pesquisa contribua no debate sobre condições dignas de vida e cidadania para todos e da superação da fome e da insegurança alimentar com medidas profundas de inclusão, de experiências coletivas e solidárias, de modo a transformar as realidades sociais e a subjetividade.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, Cris Fernandez. **O encontro da política com o trabalho: um estudo psicossocial sobre a autogestão das trabalhadoras da Univens**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1ª edição, 2013. 283 p.

ANDRADA, Cris Fernandez. **Trabalho e política no cotidiano da autogestão: o caso da rede Justa Trama**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ASBRAN, Associação Brasileira de Nutrição. **Veto do governo compromete resgate do Consea**, 2019. Disponível em: <https://www.asbran.org.br/noticias/veto-do-governo-compromete-resgate-do-consea>. Acesso em: 29 de ago. 2023.

BELIK, Walter. Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 12, n. 1, p. 12–20, jan. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n1/04.pdf> Acesso em: 06 mar. 2023.

BRASIL. **Insegurança alimentar severa cai 85% no Brasil em 2023**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mapa-da-fome-da-onu-inseguranca-alimentar-severa-cai-85-no-brasil-em-2023> Acesso em: 25 de jul. 2024.

BRITO, Jussara Gomes de; COSTA, Elenice Rosa. Titularidade feminina no programa bolsa família: questões de gênero e segurança alimentar. **Tropos: comunicação, sociedade, cultura** [S. l.], v. 1, n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/185>. Acesso em: 2 mai. 2024.

CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (org.). **Da fome a fome**: diálogo com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022. 216 p.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. e00101417, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ywYD8gCqRGg6RrNmsYn8WHv/abstract/?lang=pt> Acesso em: 08 de ago. 2024.

CASTRO, Josué de, 1984. **Geografia da Fome**. 10a ed., Rio de Janeiro: Ed. Antares. Claval, 1984.

CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL - CONSEA. **Documento base da III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**. Brasília: Conselho Nacional de Segurança Alimentar; 2007.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO PARANÁ - CRP-PR. **Por que a fome deve ser entendida como questão de saúde mental?** 2021. Disponível em: <https://crppr.org.br/direitos-humanos-2021/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FERREIRA, Marcos Ribeiro; BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; VIANA, Francisco José Machado. **Fome, Subjetividades e Psicologia**. Instituto Silvia Lane, Psicologia e Compromisso Social, 2023. Disponível em: <https://compromissosocial.org.br/fome>. Acesso em: 13 de ago. 2024.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. **Agonia da fome**. Salvador: Edufba, 2003. 218p.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. **Números globais de fome subiram para cerca de 828 milhões em 2021**. Unicef para cada criança, Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-numeros-globais-de-fome-subiram-para-cerca-de-828-milhoes-em-2021>. Acesso em: 06 mar. 2023.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação Social - um Problema Político em Psicologia. **Psicologia USP**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998. DOI: 10.1590/psicousp.v9i2.107818. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107818> Acesso em: 27 de ago. 2023.



GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, Beatriz de Paula (org). **Orientação à queixa escolar**. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

HELOANI, José Roberto. Assédio moral: a dignidade violada. **Aletheia, Canoas**, n. 22, p. 101108, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1413-03942005000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 mai. 2024.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Josué de Castro: Brasil da fome, ontem e hoje. 274 ed., São Leopoldo, **Revista Humanitas Unisinos**, 22 set. p. 02-46, 2008. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620727-josue-de-castro-brasil-da-fome-ontem-e-hoje>. Acesso em: 07 abr. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2020.

JUNIOR, Carlos Barbosa Correa; TREVISAN, Leonardo Nelmi; MELLO, Cristina Helena Pinto de. Impactos do Programa Bolsa Família no mercado de trabalho dos municípios brasileiros. **Revista de Administração Pública**, v. 53, n. 5, p. 838–858, set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/dHzgLDQVc5MhGpZkxsCfyTS/> Acesso em: 08 de ago. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-Feira**, n. 1, p. 8-11, 1997. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Magnani_JGC_38_971501_O_VelhoEBom_CadernoDeCampo.pdf Acesso em: 18 ago. 2024. 1997.

MELO, Caroline dos Santos.; COSTA-SOUZA, Jamacy; DOURADO, Denise Braga. Inquéritos alimentares e de condições de vida no Brasil na década de 1930. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 6, p. e30811629152, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.29152. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29152>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MELLO, Sylvia Leser de. **Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo**. São Paulo: Ática, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Raízes da Fome**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. e Fase – Federação de Órgãos para Assistência Social, 1986.

NILSON, Eduardo Augusto Fernandes. Alimentos ultraprocessados e seus riscos à cultura alimentar e à saúde. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 133–146, 2023. DOI: 10.35953/raca. v3i2.145. Disponível em: <https://raca.fiocruz.br/index.php/raca/article/view/145>. Acesso em: 26 mai. 2024.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. **Crianças são as mais prejudicadas pela fome que atinge o Brasil**, 04 ago. 2022. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/criancas-sao-as-mais-prejudicadas-pela-fome-que-atinge-o-brasil/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL - REDE PENSSAN. **VIGISAN - Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**, 2021. Disponível em: https://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 07 mar. 2023.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL - REDE PENSSAN. **II VIGISAN - Inquérito de Insegurança Alimentar no**

Contexto da Pandemia da Covid-19, Suplemento I, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wpcontent/uploads/2022/09/OLHEEstadosDiagramac%CC%A7a%CC%83o-V4-R01-1-14-09-2022.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2023.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade**. 2022. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf. Acesso em: 06 mar. 2023.

ROSANELI, Caroline Filla; RIBEIRO, Ana Lúcia Cardoso; ASSIS, Luana de; SILVA, Tânia Mara da; SIQUEIRA, José Eduardo de. A fragilidade humana diante da pobreza e da fome. **Revista Bioética**, v. 23, n. 1, p. 89–97, abr. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1983-80422015231049>. Acesso em: 28 de abr. 2024.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200003>. Acesso em: 16 de abr. 2024.

SAWAIA, Bader Burihan. **O Adoecer da Classe Trabalhadora**. In: Lane, S.T.M.e Sawaia. B.B. Novas Veredas da Psicologia Social, São Paulo: Brasiliense e EDUC, 1995.

SAWAIA, Bader Burihan (Org.). **As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SCHALL, Brunah; GONÇALVES, Flora Rodrigues; VALENTE, Polyana Aparecida; ROCHA, Mariela; CHAVES, Bráulio Silva; PORTO, Paloma; MOREIRA, Agda Marina; PIMENTA, Denise Nacif. Gênero e Insegurança alimentar na pandemia de COVID-19 no Brasil: a fome na voz das mulheres. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 11, p. 4145–4154, nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022711.07502022> Acesso em: 17 de abr. 2024.

SILVA, Robson Roberto. “Questão social”, fome e (in)segurança alimentar e nutricional no Brasil neoliberal. **Argumentum**, v. 15, n. 1, p286306, 2023. DOI: 10.47456/argumentum. V1 5i1.38352. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/38352>. Acesso em: 16 de ago. 2023.

SILVA, Edleuza Oliveira; AMPARO-SANTOS, Lígia; SOARES, Micheli Dantas. Alimentação escolar e constituição de identidades dos escolares: da merenda para pobres ao direito à alimentação. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 4, p. e00142617, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gdwmZwGHLwkPhX6wKBXk44B/abstract/?lang=pt> Acesso em: 13 de ago. 2024.

VASCONCELLOS, Ana Beatriz Pinto de Almeida; MOURA, Leides Barroso Azevedo de. Segurança alimentar e nutricional: uma análise da situação da descentralização de sua política pública nacional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 2, p. e00206816, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/zBLgfiqmvXSJKJhcLz8Gf4c/?lang=pt> Acesso em: 13 de ago. 2024.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. **Revista de Nutrição**, v. 18, n. 4, p. 439–457, jul. 2005. Acesso em: 16 de ago. 2023.

Contatos: anapaulatorresdiastd@gmail.com e andreiaagarbin@yahoo.com.br